

Recebido em: 03/11/2021

Aceito em: 18/11/2021

## **Ensino Remoto Emergencial na disciplina de Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação: relato das práticas pedagógicas para formação discente**

Maria Aurea Montenegro Albuquerque Guerra<sup>1</sup>  
Italo Teixeira Chaves<sup>2</sup>

**Resumo:** Discute questões relacionadas às mudanças de processos em decorrência do novo coronavírus (COVID-19), pautando a migração do ensino presencial para o ensino remoto emergencial, com enfoque nas práticas pedagógicas docentes. Levanta-se como problemática questões voltadas à adaptação, flexibilidade e aprendizagem durante o ensino remoto. Objetiva-se relatar como foi operacionalizado as atividades de ensino remoto no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Ceará. Deste modo configura-se como uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, onde utiliza-se formulários eletrônicos como instrumento de coleta de dados para analisar, compreender e avaliar os procedimentos remotos de ensino, no que tange ao acesso às tecnologias de informação e comunicação e as atividades e avaliações propostas no decorrer do semestre letivo. O estudo resulta em práticas exitosas, evidenciando a necessidade e importância da flexibilização e adaptação da disciplina para um bom desempenho dos discentes durante o ensino remoto emergencial. Por fim, conclui-se que o ensino remoto é uma realidade latente no âmbito educacional e que cabe ao docente transformar e ressignificar as práticas pedagógicas para um novo formato, descobrindo e inventando novas metodologias mediadas pela tecnologia de informação e comunicação.

**Palavras-chave:** Ensino remoto emergencial. COVID-19. Práticas pedagógicas. Tecnologias de informação e comunicação.

### **1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS**

O ano de 2020 iniciou com imensos desafios para todos os setores da sociedade, incluindo o campo educacional. É certo que, com o processo de globalização da economia e da comunicação, a evolução das tecnologias e de uma consciência de mundialização em rede já vinha provocando mudanças acentuadas na sociedade, impulsionando o nascimento de novos paradigmas, modelos, processos de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem digital (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

<sup>1</sup> Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do Departamento de Ciência da Informação da UFC. Líder do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais. Email: aurea.mguerra@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. Membro do grupo de pesquisa Gestão da Informação e do Conhecimento em Ambientes Educacionais. Email: italochaves55@hotmail.com.



Com a disseminação do vírus SARS-COV-2 em âmbito global, tornou-se indiscutível a necessidade de uma mudança nos processos, proposta de modo rápido e emergencial e, em grande medida, obrigatória. A saber: suspensão das aulas presenciais, fechamento de bibliotecas, museus, arquivos, centros de documentação, migração para o teletrabalho (*homeoffice*). Assim sendo, professores e alunos migraram para uma realidade on-line, adaptando metodologias e práticas pedagógicas do ambiente físico para aquilo que tem se designado por ensino remoto de emergência. (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020).

Nesse cenário pandêmico, docentes e discentes tiveram que desenvolver habilidades para manusear as plataformas digitais com fins de aprendizagem, tais como Zoom, Skype, Google Meet ou Google Classroom, além das plataformas institucionalizadas, a citar algumas delas: Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), Solar e Moodle. Nesse aspecto, Moreira, Henriques e Barros (2020, p. 352) chamam atenção para a forma como estas tecnologias estão sendo utilizadas. Para estes autores, as tecnologias de informação e comunicação estão sendo utilizadas “numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.”

Assim sendo, as discussões sobre aulas remotas começaram a ser substancialmente exploradas devido à necessidade atual de dar continuidade às atividades de ensino em todos os âmbitos educacionais, levando em consideração os protocolos de distanciamento e isolamento social. Destarte, compreende-se que o ensino remoto é baseado na transmissão dos conteúdos que seriam propostos em sala, seja de maneira síncrono ou assíncrono, com auxílio das tecnologias de informação. Uma das propostas é que professores e estudantes de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial ou, ainda, optar por aulas gravadas. O objetivo principal do ensino remoto é, portanto, fornecer, de modo temporário, estratégias de ensino-aprendizagem de modo rápido, simples e confiável em um período de crise mundial (TOMAZINHO, 2020).

Nessa proposta de ensino, as atividades podem acontecer em diversos momentos com o uso de ambientes virtuais distintos. Destacam-se as práticas de ensino síncronas e assíncronas. As aulas remotas acontecem no período síncrono, ou seja, acontecem no momento “ao vivo”, no instante em que o estudante faz uma pergunta no chat e, durante este mesmo espaço de tempo, o professor tem a oportunidade de respondê-la, assemelhando-se ao modo presencial. Por outro lado, as atividades assíncronas não têm essa resposta imediata do professor ou do aluno, pois oferece maior flexibilidade. Hodges (2020) destaca que, nesse

período, as atividades assíncronas podem ocasionar melhores resultados devido à flexibilidade de prazos, e que esse aspecto é importante ao ensino superior, já que leva em consideração demandas e responsabilidades que estão além do âmbito do ensino.

Para estes novos tempos, uma discussão latente foi sobre as diferenças entre o ensino presencial, a transição para o ensino remoto emergencial e os impactos dessa permuta para a aprendizagem. Assim, percebemos algumas problemáticas: como os alunos perceberam o desenvolvimento da disciplina no modelo remoto? Quais os desafios envolvendo a flexibilidade e adaptação das atividades remotas? Qual o grau de satisfação dos discentes sobre as aulas síncronas e tutoriais assíncronos? Como as e-atividades propostas favoreceram o aprendizado teórico-prático? Como as avaliações na disciplina favoreceram o aprendizado dos conteúdos? A Partir deste conjunto de questões, pretendemos contribuir, de forma sucinta, com a elucidação dos princípios básicos do ensino remoto e com o design de um ambiente on-line, tendo como norte a organização e a seleção de recursos. Pretendemos, ainda, indicar plataformas que possibilitem preparação e avaliação de e-atividades de aprendizagem, além do desenvolvimento de práticas pedagógicas nos ambientes virtuais.

Diante de uma realidade inesperada, este artigo tem como proposta discutir os desafios das aulas remotas na disciplina de Organização, Sistema e Métodos, do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Embasa-se nas práticas pedagógicas docentes, na referida disciplina, além de validar-se metodologicamente, por formulários eletrônicos aplicados aos discentes, no início e ao final da disciplina, que buscou entender aspectos relativos à adaptação, flexibilidade e adequação da matéria a esse novo formato, além de utilizar-se de questões relativas à construção de atividades e avaliação.

## **2 TESSITURAS SOBRE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19**

O Ensino à Distância (EaD) é uma modalidade de educação mediada por tecnologias em que discentes e docentes estão separados espacialmente e temporalmente. No território brasileiro, o EaD é regulamentado pelo Decreto nº 9057, de 25 de maio de 2017. Segundo este documento, podemos definir o Ensino à Distância como

[...] a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com

políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017, não paginado).

Trata-se, assim, de uma forma de ensino a qual possibilita maior autonomia ao estudante, tendo este a responsabilidade de criar seu horário de estudos, escolhendo o ritmo adequado para realização de atividades e a melhor maneira de aprender e estudar. Além disso, quando necessário, pode ter orientações de um professor tutor. Joye, Moreira e Rocha (2020, p. 14) destacam, ainda, o perfil do alunado de EaD, predominantemente de adultos “com motivação específica para estudar on-line e têm um perfil, a priori, autônomo.”, além de possuírem condições tecnológicas para tais atividades.

Nesta modalidade de ensino existem alguns casos em que se exige que o estudante compareça presencialmente na instituição de ensino para realizar avaliações. Neste caso, chamamos de ensino semi-presencial. Geralmente o acompanhamento e a realização das atividades pedagógicas acontecem em plataformas digitais, denominadas Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), os quais comumente disponibiliza videoaulas, materiais escritos, fórum, aplicativos, plataformas interativas, entre outros recursos. Acrescenta-se, ainda, que os AVAs são “espaços em que os sujeitos podem interagir em rede, e, assim, fundamentar a geração de conhecimento em um método colaborativo.” (PAESE, 2012, p. 10)

No Brasil, em outro formato, mas com uma essência semelhante, o ensino à distância remete a experiências desde o ano de 1939, com a fundação do Instituto Rádio Técnico Monitor, em 1941, no Instituto Universal Brasileiro, onde incluíam propostas de cursos técnicos. Existem alguns documentos oficiais que abarcam e normatizam esta modalidade de ensino, sendo algumas de suas frentes contempladas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996). Nesse mote, o EaD é regulamentado para a educação básica e superior, estando presente sobretudo neste segundo caso, seja em cursos totalmente à distância ou semi-presenciais.

No que tange ao Ensino Remoto Emergencial, é algo totalmente novo em todos os lugares do mundo, onde percebe-se pouca literatura científica a respeito dessa prática, a qual se consolida em um cenário de crise mundial. É uma modalidade de ensino que está amparada nos inúmeros protocolos de saúde, que versam sobre o distanciamento e isolamento social como forma de evitar a propagação de COVID-19.

Hodges et al (2020) enfatiza a diferença do Ensino Remoto Emergencial (ERE) para o ensino à distância (EaD) uma vez que o EaD é envolto em uma organização, planejamento e estruturação bem elaborados, voltados para um formato à distância. Já o ERE está sendo desenvolvido em caráter emergencial, adaptando conteúdos que, em situações não adversas, seriam transmitidos de modo presencial, o que exige das instituições de ensino, e do próprio professor, soluções rápidas e criativas para a continuidade das atividades pedagógicas de ensino.

Esse tipo de ensino remoto, praticado na pandemia de 2020, assemelha-se à EaD apenas no que se refere ao uso de uma educação mediada pela tecnologia digital. Os princípios desse novo modelo de “educação remota” seguem conforme os da educação presencial, com o modelo expositivo tradicional no qual o aluno se torna um mero repositório de informações. (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020, p. 13)

No estado do Ceará, o ensino remoto foi instituído pelo Governo Estadual a partir do decreto Nº 33.510, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. Esse ensino tornou-se uma alternativa encontrada para atender uma demanda emergencial que aliviasse os impactos na aprendizagem dos estudantes, sendo uma possibilidade de aprendizagem que mantivesse viva a educação.

Esclarecidas as diferenças conceituais entre EaD e Ensino Remoto, resta-nos acrescentar o papel do professor como mediador, como um especialista em metodologias e práticas pedagógicas. Independentemente de a aula ser presencial ou remota, a disciplina de Organização, Sistema e Métodos exige um momento prático, para que seus gráficos e formulários ganhem sentido e estejam relacionados à vivência dos futuros profissionais.

Com a pandemia, em que o mundo precisou privar-se dos momentos presenciais, emergiram novas problemáticas em diversas esferas, não ficando a educação de fora. Exemplo disso está na atuação dos professores, os quais tiveram que se reinventar, adaptar-se e estar em constante estudo e acompanhamento do que está sendo proposto nos novos moldes de ensino, além de conhecer e compreender diversos aspectos relacionados à vida do estudante, no que se refere às suas condições de acesso à internet, sua estrutura para estudar ou mesmo sua saúde mental. Entender isso é uma etapa fundamental para a proposição de atividades que estejam dentro das possibilidades do alunado.

O ensino remoto, como vimos, foi uma alternativa encontrada para atender uma demanda emergencial e, certamente, muitas experiências deste momento serão consideradas no retorno do ensino presencial. Um exemplo disso está relacionado ao uso de tecnologias da informação e comunicação direcionadas aos fins educacionais. Plataformas como Google Meet e Google Classroom são exemplos de ferramentas que potencializaram e facilitaram as práticas de ensino remoto. Destaca-se, ainda, o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), ferramenta institucional da Universidade Federal do Ceará que permite a divulgação de notícias, disponibilização de materiais pedagógicos como textos, videoaulas, hiperlinks e slides e teve um papel importante no âmbito das atividades remotas nessa instituição.



**Figura 1** - Interface do SIGAA

Fonte: SIGAA UFC (2020).

Descrição da imagem: apresenta a interface do Sigaa da UFC. Possui uma barra azul escura com os dizeres: UFC - Sigaa - Sistema integrado de atividades acadêmicas. Abaixo dessa barra, possui um menu em azul em tonalidade mais clara com quadro de módulos, caixa postal, abrir chamado, menu discente, alterar email/senha e ajuda. Há um menu principal com módulos ambientes virtuais e portais com modelo de portal do discente e portal de avaliação institucional.

Na transição das aulas presenciais para as aulas remotas, nossa atenção focou os modos de aprender e ensinar demandados pela própria instituição, mas também os novos desafios propostos a um ensino superior mais dinâmico, com aprendizagens significativas e

plurais, que colocassem o aluno como protagonista no seu processo de aprendizagem, e estivessem ancoradas em metodologias ativas de aprendizagem. De acordo com Motin *et al.* (2020), estas metodologias favorecem uma motivação autônoma e o fortalecimento da percepção do aluno de ser origem da própria ação, elementos muito adequados para este momento.

Diante dessas reflexões, tendemos a dizer que a educação teve que reinventar-se e moldar-se a uma nova cultura, baseada no “informacional”, num mundo conectado em redes. Para Rambo (2020), o mundo informacional possui dois aspectos: o primeiro diz respeito às vantagens da revolução tecnológica para o progresso econômico em escala global; o segundo é que a economia é informacional e não apenas baseada na informação, visto que, todo o sistema social deve ser incluído na implementação do paradigma tecnológico. Esta assertiva de Rambo (2020) coaduna com a utilização, em massa, do aparato tecnológico no cerne educacional.

### **3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O FAZER DOCENTE**

No campo das múltiplas dimensões da prática pedagógica (professor, aluno, metodologia, avaliação, relação professor e alunos, concepção de educação e de escola), as conjunturas e estruturas da sociedade são fundamentais para o entendimento da escola e da ação do professor. Como afirma Veiga (1992, apud GUIDINI; MARTINS; MENDES, 2015, p. 02), a prática pedagógica é “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social.” É sabido que a prática social está imbuída de contradições e de características socioculturais predominantes na sociedade.

Neste contexto, desenvolver o exercício da participação em sala de aula é um desafio para professores e alunos. Essa participação ocorre quando há disponibilidade individual para superar as deficiências e quando há liberdade e respeito entre os envolvidos. É um exercício de aprendizagem constante, do saber falar, ouvir, propor, contrariar e complementar. Neste contexto, a informação e o desenvolvimento de conhecimentos são fatores impulsionadores da participação nas ações educativas.

Para Luckesi (1991), ações educativas interpretam o desempenho da educação na sociedade e, como tal, classificam-se em educação como redenção, educação como

reprodução e educação como transformadora da sociedade. O autor chamou-as de tendências pedagógicas o que, conseqüentemente, resvala em práticas pedagógicas que possibilitam a compreensão da educação enquanto prática educacional, a compreensão de seu sentido filosófico e político, e o seu direcionamento para a ação.

Segundo Luckesi (1993, p. 64), pode-se dizer que a pedagogia libertária têm em comum com a libertadora “[...] a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a ideia de autogestão pedagógica.” A principal ideia de conhecimento é a descoberta de respostas relacionadas às exigências da vida social. Preocupa-se com o processo de aprendizagem em grupo e acredita na liberdade total dos sujeitos.

Os professores, cada um a seu modo, foram trazendo luz às suas práticas pedagógicas, uns tentando se reinventar, inovando suas práticas, outros mantendo atenção total à sua própria concepção de ensino e de aprendizagem. Tal processo desnudou e mostrou à sociedade uma realidade que vem provocando inquietações, críticas e reflexões, mas, que ainda demanda ações efetivas no sentido de preparar os alunos e os professores para o enfrentamento de situações imprevisíveis como a vislumbrada atualmente. No entanto, é preciso considerar que apoderar-se e fazer uso das ferramentas e potencialidades das Tecnologias de Informação e Comunicação constituem novas formas e práticas pedagógicas aplicadas ao ensino. É necessário aliar o conhecimento teórico e tecnológico, neste âmbito.

Ademais, com essa nova forma de ensino, existe a possibilidade de ouvirmos o que os alunos têm a dizer sobre esse momento, permitindo-nos refletir sobre nossas ações, reorganizar nossas práticas pedagógicas, pois sabemos que nosso principal objetivo é a sua aprendizagem e, por extensão, a construção do conhecimento. Outrossim, os pontos aqui discutidos num contexto inédito, levam a crer que a crise trará transformações no engajamento, no envolvimento e na determinação do fazer pedagógico, diferente das práticas pedagógicas que tradicionalmente marcam a atuação docente. As experiências e práticas pedagógicas mediadas através do uso das TICs destacam-se por revelar que essas tecnologias proporcionam dinamismo e interatividade.

#### **4 PERCURSO METODOLÓGICO**

A pesquisa aqui descrita foi realizada em dois momentos com discentes do curso de biblioteconomia, do 5º semestre, matriculados na disciplina de Organização, Sistemas e





Métodos em Unidades de Informação. O primeiro momento da pesquisa ocorreu antes de iniciar as atividades do semestre e foi pautado em descobrir quais eram as formas de acesso e uso das tecnologias de informação e comunicação para fins educativos, qual tipo de conexão dos discentes, quais sugestões para métodos avaliativos e atividades a serem adotados na disciplina após o início do semestre. Este formulário foi respondido pelos 24 dos 26 alunos aptos.

Por se tratar de uma disciplina de caráter teórico-prático, compreender a situação dos alunos envolvendo o acesso às TIC foi algo de suma importância para balizar as adaptações necessárias para a realização das atividades da disciplina. Ao considerar as respostas coube ao docente e monitor elaborar uma política para ser aplicada na disciplina durante o ensino remoto da disciplina que não provocasse prejuízo aos envolvidos.

Pontuamos que as respostas foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa. Segundo Silveira e Córdova (2009) essa abordagem busca compreender o porquê das situações identificando aspectos da realidade, logo, procuramos entender o contexto em que os discentes estavam implicados durante o período da disciplina para que estes conseguissem aproveitar a disciplina e desenvolver habilidades necessárias para atuar na gestão de unidades de informação.

Considerando isso, a pesquisa quanto aos seus objetivos configura-se como exploratória e descritiva, pois à medida em que os pesquisadores se encontraram em um novo contexto de ensino e precisam descobrir quais formas possíveis para solidificar atuação pedagógica no âmbito da educação superior em um curso de Biblioteconomia, onde formam-se profissionais com competências e habilidades diversas, no caso específico da disciplina, a gestão de unidades de informação. A parte descritiva, por sua vez, consiste no próprio relato de experiência descrito na seção seguinte.

## **5 DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O ensino remoto, como abordamos, tornou-se uma temática constante nos meios acadêmicos, em razão de sua complexidade diante de metodologias antes direcionadas ao ensino presencial. Tal constatação favoreceu não só uma ampla discussão como também o compartilhamento de experiências entre os docentes. Nesse contexto, o intuito desta seção é

nos juntarmos a essa grande rede de compartilhamento através de um relato de experiência docente por ocasião do término do período letivo. Ademais, tem a finalidade de divulgar e/ou redirecionar as metodologias aplicadas em benefício de um ensino-aprendizagem em que professores e alunos caminhem na mesma direção.

As inquietações surgiram tão logo o decreto estadual suspendeu as aulas presenciais ocasionando incertezas sobre a continuidade do semestre letivo. Por um lado, observou-se como desafio as dificuldades dos docentes com o manejo das tecnologias disponíveis para fins pedagógicos, e, por outro, os discentes com limitações de acesso às mesmas.

A experiência aqui relatada ocorreu na disciplina de Organização, Sistemas e Métodos em Unidades de Informação, do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), que integra a Unidade Curricular de Gestão de Unidades de Informação. Por princípio, esta disciplina exige um alto grau de atividades práticas, o que justifica as inquietações no que diz respeito ao ensino remoto.

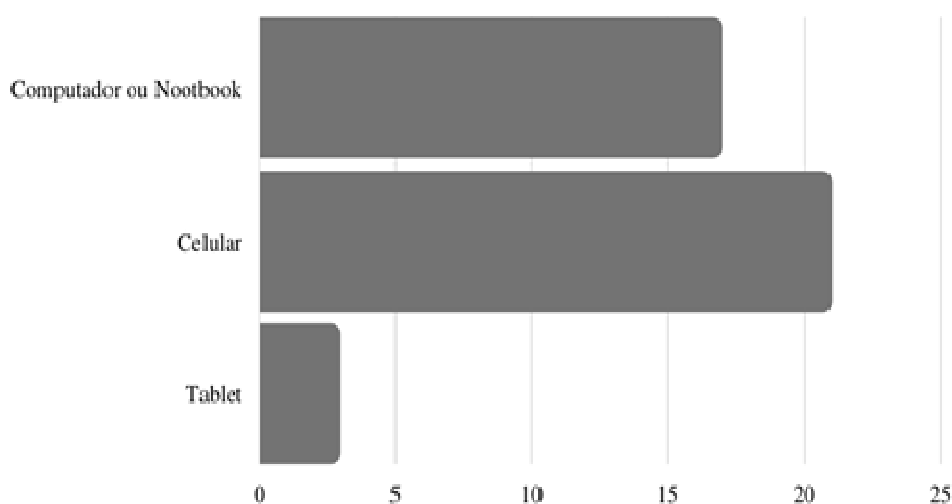
A referida disciplina enquadra-se como obrigatória, sendo a elaboração de documentos que regulamentam as unidades de informação como organogramas, fluxogramas, formulários, layout, dentre outros, necessárias ao aparato prático que transcende o teórico. Práticas essas que necessitaram passar por uma adaptação para um novo formato, compreendendo as limitações inerentes ao acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação.

No contexto do ensino remoto emergencial, questões metodológicas, práticas pedagógicas e avaliações foram (re)pensadas e (re)planejadas. Aliada a essas ações e em consonância com o novo cenário educacional, surgiu o imprescindível uso das tecnologias e, o que antes tinha um papel de destaque no cotidiano acadêmico, agora se apresenta como uma barreira, proporcionada pela falta de acesso a todos, igualmente.

Percebemos de imediato que não poderíamos trazer o modelo presencial para o ensino remoto, ou seja, fazer uma transposição de conteúdos programáticos sem os devidos ajustes. Mas quais ajustes seriam? Para responder minimamente essa questão de ordem prática, mesmo antes de iniciar formalmente o semestre, fizemos uma reunião na plataforma Google Meet a fim de entender as expectativas e receios dos alunos em relação à disciplina e à tecnologia que tinham disponíveis para realização de atividades. Como encaminhamento dessa reunião, foi elaborado um formulário com questões cujo foco era, especificamente, descobrir quais as condições tecnológicas da turma.

Considerando as características do ensino remoto como semelhantes às do ensino à distância, visto que ambos são mediados pelas TICs, foi necessário, antes do início do planejamento da disciplina adaptado aos novos moldes, conhecer a situação dos alunos quanto às condições de uso e acesso à internet. Nesse sentido, elaboramos uma pesquisa inicial, feita por meio de formulário eletrônico. Nesta primeira pesquisa tivemos 24 respondentes, dentre os 26 alunos matriculados.

Os dados coletados revelaram que grande parte dos discentes que possuíam Wi-Fi ou plano de dados de 3g ou 4g 87,5% (N=21), a outra parte da turma usava internet de terceiros. Destacamos, ainda, que todos os respondentes têm acesso diário à internet, sendo o dispositivo mais usado o celular, seguido por computadores ou notebooks e, por fim, tablets, como apresentado no gráfico 1.



**Gráfico 1** - Dispositivos para acesso à internet utilizados pelos alunos.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

No contexto da disciplina, ao abordarmos as metodologias requeridas, identificamos ainda, através do formulário citado, que grande parte dos alunos tem interesse em que as aulas ocorram de modo síncrono ou gravadas, mas sem a dispensa dos textos. De certo modo, essa metodologia indicada em muito aproxima-se da metodologia empregada presencialmente, em que havia leitura, discussão de textos, palestra de convidados, dentre outras atividades. Porém duas propostas novas se acentuaram: o uso de podcasts e fóruns de discussão, como demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2 - Metodologias de aula para o Ensino Remoto

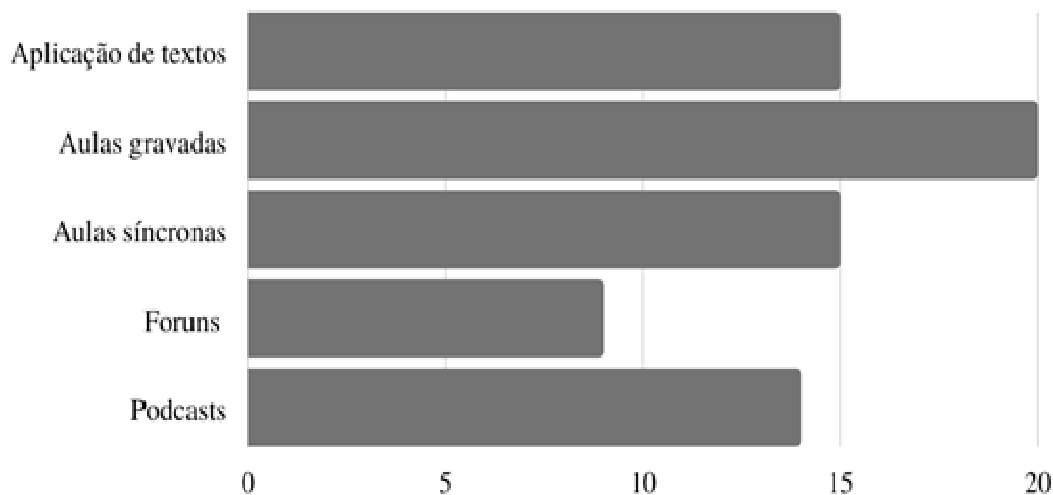


Gráfico 2 - Metodologias de aula para o Ensino Remoto

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A disciplina que, presencialmente, era ministrada duas vezes na semana, passou a ser realizada no formato remoto, de modo síncrono por meio da plataforma Google Meet, sendo este encontro gravado, e, se requisitado, disponibilizado ao discente. O outro momento era destinado à realização de atividades assíncronas, sendo possível também realizar tutoria online com o monitor ou a docente da disciplina.

Diante dessas informações, adaptamos nossas atividades e criamos uma política de adequação e flexibilização do ensino emergencial de modo a tornar mais efetivo o processo de ensino-aprendizagem. Os pontos principais dessa política foram:

- a) as aulas síncronas ocorriam uma vez por semana;
- b) a semana em que não tínhamos encontro na plataforma Google Meet seriam indicadas atividades dirigidas;
- c) Criação de outro canal de comunicação, não oficial, para facilitar o contato e as tutorias;
- d) indicação de web conferência relacionada à área para posterior análise;
- e) as avaliações transcorreram de modo contínuo para evitar a pressão de dia marcado, pois para cada temática era solicitada a atividade relacional, favorecendo uma avaliação formativa;

É importante destacar que ações institucionais com o intuito de possibilitar a inclusão digital foram fomentadas pela UFC, que forneceu aos alunos 6.000 chips com planos de dados, facilitando o acesso às atividades remotas. Posteriormente a isso, proveu um auxílio monetário para a compra de computadores, “o auxílio visa permitir que os discentes contemplados possam ter acesso contínuo às atividades disponibilizadas remotamente.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020). Essas ações foram importantes para diminuir os impactos relacionados à falta de acesso às tecnologias de informação e comunicação, além de auxiliar a permanência dos estudantes na Universidade, durante esse período pandêmico.

No que tange à perspectiva do docente, o grande desafio, para além das “barreiras” tecnológicas, deu-se no âmbito do ensino-aprendizagem, ao tentar garantir, mesmo que minimamente, o acesso a uma aprendizagem significativa que colocasse o aluno em condições favoráveis, que repercutissem no avanço aos semestres seguintes. As pesquisas feitas inicialmente nos alertaram acerca das condições tecnológicas dos alunos, mas quanto à apreensão efetiva do conteúdo, não tinha sido colocada em relevo, fato que não tínhamos, na ocasião, como antever. Restou-nos, então, a estratégia de colher informação ex-post-facto intencionando, com isso, reverter metodologias aplicadas que se mostraram pouco eficazes e manter as que funcionaram. Recorremos, então, a uma nova pesquisa.

O ensino remoto, por meio de videoconferência, foi a principal ferramenta utilizada para que as aulas continuassem acontecendo de forma síncrona, já que esta pode, segundo Motin et al (2020), motivar o estudante, aumentando sua responsabilidade com a aprendizagem. Além disso, essa é uma tecnologia que aproxima pessoas localizadas em espaços diferentes, em que a distância entre os estudantes e o professor não é considerada um obstáculo.

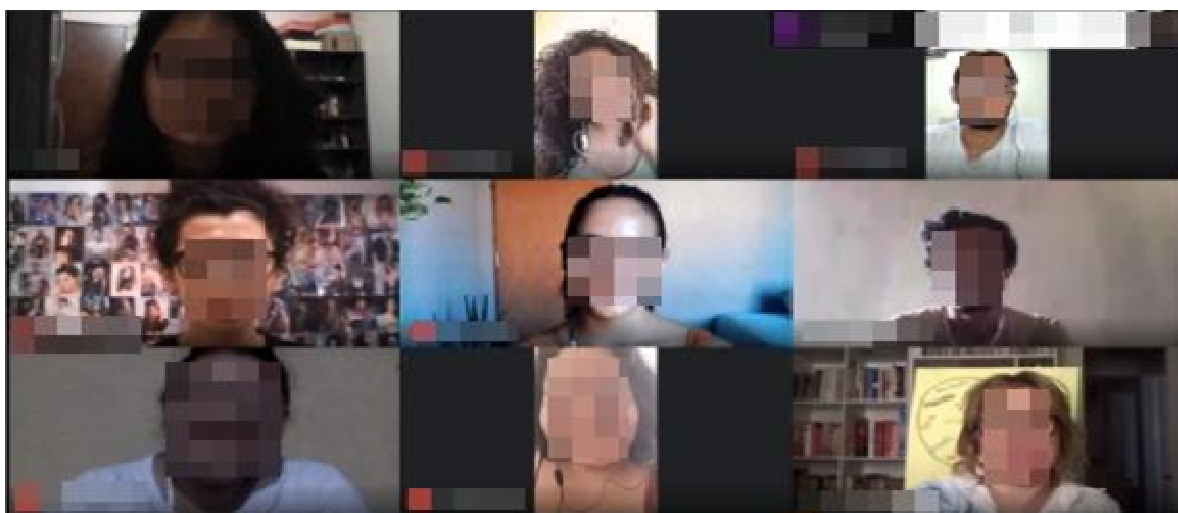


Figura 2 - Aula síncrona via Google Meet

Fonte: Arquivo pessoal (2020).

Através da observação dos participantes, identificamos os pontos de maior tensão e desafio, a saber, a flexibilização da disciplina, as expectativas iniciais e a satisfação dos alunos com relação às atividades propostas e à forma de avaliação do aprendizado, bem como, se a mesma contribuiu para o desenvolvimento de habilidades e competência profissionais. Desta feita, o formulário utilizado foi a escala de Likert com dez perguntas, dentre estas, duas abertas. Resolvemos, para fins de entendimento, organizar as questões em blocos, como segue nas tabelas.

Perguntas	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo e nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
Considera a <b>flexibilidade</b> da disciplina como algo positivo, durante o período de atividades remotas.	11 (78,6%)	3 (21,4%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

**Tabela 1:** Flexibilidade da disciplina (questão 2)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Entendemos por flexibilização a baixa rigidez de horário de entrada na sala virtual, assim como na entrega das atividades, visto que, o mais importante neste momento é garantir a participação e o envolvimento do alunado. É, segundo Luckesi (1993), tornar o processo de ensino-aprendizagem um ato amoroso, de acolhimento e de empatia. Como observamos na

Tabela 1, esta estratégia foi muito vantajosa, pois nos permitiu manter uma relação de confiança entre docente, monitor e alunos.

Como ponto de fragilidade, identificamos a falta de entusiasmo e participação em alguns momentos. Relacionamos essa problemática a interferências de ordem externa, pessoal e familiar, possivelmente potencializados pelo período de pandemia e isolamento social. Segundo pesquisa do Instituto Datafolha, 54% dos alunos está sem motivação para estudar e 68% têm dificuldade de organizar os estudos em casa (Oliveira, 2020), isso justifica-se sobretudo devido ao cenário de crise no qual estamos vivenciando.

Na Tabela 2, procuramos identificar algumas questões mais específicas do cotidiano escolar, tais como a adaptação da disciplina ao ensino remoto, o processo de adaptação às aulas síncronas e assíncronas, como esta proposta contribuiu para o aprendizado e como foi recebido o momento avaliativo.

Perguntas	Muito satisfeito	Satisfeito	Indiferente	Insatisfeito	Muito insatisfeito
4 Como você considera a <b>adaptação da disciplina</b> nesse novo formato?	4 (28,6%)	9 (64,3%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)
5 Qual seu grau de <b>satisfação sobre as aulas síncronas</b> (encontros no <i>Meet</i> ) e tutoriais assíncronos (tira dúvidas por e-mail ou WhatsApp)?	6 (42,9%)	7 (50%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)
7 Após o término da disciplina, como você considera o seu <b>aprendizado</b> ?	6 (42,9%)	8 (57,1%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
8 Como você considera as <b>avaliações</b> aplicadas na disciplina?	8 (57,1%)	6 (42,9%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)

**Tabela 2:** Relação do ensino remoto com o aprendizado (questões 4, 5, 7,8)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Essas questões exigem um grau de aprofundamento da interpretação que ultrapassa as teorias pedagógicas já conhecidas. A análise sobre esse momento somente sobressai com a coparticipação, isto é, o compartilhamento dessa vivência em tempo real, nunca antes praticada, e que é capaz de permitir uma aproximação a esta realidade, pois não existe parâmetro de referência que possibilite uma comparação.

Observamos que as questões citadas obtiveram um alto grau de positividade, tanto no aprendizado, como nas avaliações. O que podemos inferir a partir disso? Será que estamos saturados das aulas presenciais e nos agarramos a essa emergência como algo inovador que

demanda uma participação mais efetiva das TICs? Acreditamos que não. O modelo de ensino remoto praticado, até agora, é algo que somatiza esforços governamentais, institucionais, de professores e alunos para dar continuidade ao ano letivo, com o mínimo de prejuízos possível.

Acreditamos que, na subjetividade explicitada nas respostas, o professor é o mediador do ensino. Seja na tela de um computador ou na sala de aula, este continua sendo o elo relevante no que diz respeito à transmissão do conhecimento. Basta, então, que o mesmo se aproprie desse papel de mediador, como pontua Hoffmann (2008, p 77.).

[...] as novas concepções de aprendizagem propõem fundamentalmente situações de busca contínua de novos conhecimentos questionamento e crítica sobre as ideias em discussão, complementação através da leitura de diferentes portadores de texto, mobilização dos conhecimentos em variadas situações-problema, expressão diversificada do pensamento do aprendiz.

A autora nos adverte que as novas formas, concepções e entendimento de aprendizagens devem passar por constante análise, visando ações diferentes quando for necessário, mobilizando áreas e conhecimentos no enfrentamento de situações diversas. No âmbito avaliativo, continua a autora, a avaliação deve ser exercida baseada na compreensão do outro e na percepção de como ela nutre todo o percurso educativo. E prossegue afirmando que as avaliações, seguem um princípio de descontinuidade, fragmentação e está descolada da sua razão de ser na construção do conhecimento. (HOFFMANN, 2008)

As ponderações de Hoffman (2008) comungam com várias ações de avaliação adotadas no ensino remoto. Dificilmente uma proposta avaliativa tão diferente das que estamos acostumados (provas, seminários, estudos de caso etc), se tornaria uma direção concreta e urgente ao mencionar a compreensão do outro como elemento fundante da avaliação. (GUERRA, 2019).

Na questão seis, subjetiva , os alunos tiveram a oportunidade de criticar e sugerir a metodologia adotada pela docente. Nesta, apenas um número pequeno de resposta foi coletado (três). Atribuímos esse pequeno número à imaginária possibilidade de identificação dos respondentes, mesmo dadas as garantias de anonimato, ao pouco entendimento político dos efeitos de tais respostas, à sensação de cansaço e ao alívio por ter terminado o semestre, bem como à fadiga de mais uma atividade em “tela.”

Obviamente que essas afirmativas são inferências resultadas, talvez, da própria subjetividade dos pesquisadores. Das três respostas dadas, a de maior destaque foi a observação de um respondente que afirmou: “o conteúdo da disciplina poderia ser mediado



com mais profundidade e detalhamento das temáticas abordadas, para que assim a compreensão dos alunos se torne mais clara.” A partir da fala deste aluno, será necessária uma reavaliação na composição da disciplina com o objetivo de se distanciar ao máximo de um ensino aligeirado, agregando conteúdos completamente afins, para que, com isso, um tema que não ficou devidamente esclarecido adquira a condição de ser retomado dentro de outro tema, mas resguardando as recomendações institucionais de prazo. Esta questão nos deixou em alerta quanto a uma metodologia mais participativa, mesmo que apenas um aluno tenha se manifestado. Outra resposta que merece relevo foi a validação do aluno-monitor-mediador como presença marcante nos esclarecimentos de dúvidas e na interlocução com a docente. Esta percepção foi de suma importância, visto que, a monitoria, por vezes, costuma ter uma relação hierarquizada com os alunos.

Perguntas	Muito importante	Importante	Moderado	Às vezes importante	Não é importante
9 Qual grau de importância as atividades propostas na disciplina tiveram para <b>desenvolvimento de habilidades e competências profissionais?</b>	10 (71,4%)	4 (28,6%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
10 Qual grau de importância a construção de um portfólio com materiais voltados para a gestão ( <b>fluxos, layout, organograma e formulários</b> ) como forma de <b>aprendizado teórico-prático?</b>	10 (71,4%)	3 (21,4%)	1 (7,1%)	0 (0%)	0 (0%)

**Tabela 3:** Grau de importância sobre as atividades desenvolvidas (questões 9 e 10)

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O intuito, com as questões da Tabela 3, foi avaliar como a disciplina agregou à formação acadêmica e profissional dos alunos, como as atividades práticas podiam contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências de um bibliotecário na contemporaneidade. Teve, ainda, a intenção de perceber se os alunos entendiam que tais atividades se aplicavam no mundo profissional concreto. A maioria admitiu sua importância e credibilidade, o que nos leva a pensar que estamos no caminho certo. Em oposição a esse raciocínio, não podemos garantir que essas respostas foram dadas de forma racional ou se as emoções ocasionadas pelo Covid-19 interferem substancialmente nessa questão, pois, como já adiantamos, não existem parâmetros teórico-práticos para tal. De qualquer forma, a menção

positiva das estreitas relações das atividades desenvolvidas com o aprendizado, foi considerado um fator a ser repetido nos semestres seguintes.

A questão dez deixamos para que o aluno se manifestasse livremente sem nenhum direcionamento, tratava-se de um pedido de sugestões ou ajustes para disciplina. Novamente identificamos um baixo índice de respostas (três). Percebemos a partir dessa resposta que o ensino remoto configura-se ainda como um desafio, o que fica demarcado pelo trecho a seguir: “Meu problema se resume ao modelo remoto” além de problemas relacionados ao formato dos conteúdos utilizados como posto pelo aluno: “a legibilidades dos materiais de texto, e outros, postados no Sigaa, é que deixa a desejar”. Considerando isso, cabe o docente continuar refletindo acerca das questões relativas a adaptações necessárias à esse novo contexto, embora o resultado positivo fique claro, seja por meio das respostas coletadas ou por uma análise subjetiva do pesquisador-professor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, no transcorrer deste relato de experiência, que o ensino remoto foi a possibilidade mais concreta encontrada por alunos e professores, no âmbito da educação. Constatou-se, embora já sabido, que as tecnologias foram a grande protagonista na mediação técnica dos conteúdos. O percurso histórico da educação brasileira, relacionado ao ensino mediado por tais tecnologias, estava muito relacionado ao EAD. Com o “fenômeno” do Covid-19, esta relação tomou novo rumo, pois a urgência e emergência de sua aplicabilidade foi levada à exaustão.

Conteúdos com tendências teóricas tiveram que ser ministrados sem a possibilidade de o docente identificar in loco expressões de descontentamentos dos alunos com o aprendizado, isto é, o docente tem poucas oportunidades de perceber se o acesso ao conhecimento foi alcançado. Fora isso, as discussões e análise de textos, tão importantes para o pensamento crítico, ficaram superficiais. Nas disciplinas com o teor mais prático, como o é caso da disciplina em questão, os impactos foram menores, mas, assim mesmo, percebemos a falta que um contato físico com o mundo real pode trazer para a interlocução com o mundo do trabalho. Somos sujeitos coletivos e assim raciocinamos, não dá para, de ímpeto, modificar esta estrutura.

O que podemos aprender com tudo isso é que somos seres passíveis de adaptação, pois vimos através das respostas dos alunos, que a flexibilização, possibilitou que os vínculos mais rígidos fossem rompidos, dando espaço para a inovação; tanto o aprendizado quanto às atividades propostas no ensino remoto funcionaram neste período inicial de adaptação, uma vez que alunos e professores estavam verdadeiramente no mesmo contexto, sem possibilidade de escape para nenhum dos lados. O que vimos foi uma força-tarefa para não estagnar com a educação, um esforço para manter o ato contínuo da aprendizagem. Neste mote, que o ato de educar possa se configurar como uma chama potencializadora da esperança para alunos e professores, com a certeza de que é por meio de práticas pedagógicas dialógicas, inclusivas e integradoras que a educação seguirá firme.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto Nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, 2017.

CEARÁ. **Decreto Nº 33.510, de 16 de março de 2020.** Decreta situação de emergência em saúde e dispõe sobre medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. Diário Oficial do Estado, 2020.

GUERRA, M. A. M. A. **A contribuição da biblioteca universitária na avaliação do ensino-aprendizagem no âmbito da educação superior.** 2019. 219 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/50151>. Acesso em: 02. nov. 2020.

GUIDINI, F.; MARTINS, P. L. O.; MENDES, K. V. M. A prática pedagógica do professor iniciante da educação básica como formadora de professores. In: X ANPED SUL, 10., 2014, Florianópolis, SC. **Anais [...]**. 2014. p. 1-16.

HOFFMANN, J. M. L.. **Avaliar para promover:** as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HODGES et al. The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. **Educase Review**, 27 mar. de 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 05. nov. 2020.



JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. 1- 29, 2020.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

MOREIRA, J. A.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. M. V.. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n, 34 p. 351 -364, 2020.

MOTIN M. F., et al. O ensino remoto de disciplinas do eixo da matemática em tempos de pandemia. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Org.) **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/documentos/ensino-89/8839-livro-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 10. nov. 2020

OLIVEIRA, E. Percentual de alunos desmotivados em estudar na pandemia chega a 54% em setembro, diz pesquisa. **G1**, 09. nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/11/09/percentual-de-alunos-desmotivados-em-estudar-na-pandemia-chega-a-54percent-em-setembro-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 09 nov. 2020

PAESE, C. R. Educação a Distância (ead) e o uso das tecnologias de informação e comunicação (tics), baseada em ambientes virtuais de aprendizagem (ava): algumas reflexões sobre a importância da tutoria on-line. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 1, 2012.

RAMBO, N. F. A educação em rede em época de pandemia e pós-pandemia: por uma vida mais solidária e de acolhimento, para as epidemias e crises se repetirem menos! In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. (Org.) **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. Disponível em: <http://www.sed.sc.gov.br/documentos/ensino-89/8839-livro-desafios-da-educacao-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 10. nov. 2020.

SIGAA UFC. [Página inicial do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas]. Fortaleza, 2020.

TOMAZINHO, P. Ensino Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. SINEPE-RS, Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em: 22 jul. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Auxílio-Inclusão Digital é creditado na conta de 1.578 alunos; beneficiados terão R\$ 1.500 para compra de computadores e tablets. **Universidade Federal do Ceará**, 24. Set. de 2020. Disponível em: <http://www.ufc.br/noticias/15055-auxilio-inclusao-digital-e-creditado-na-conta-de-1-578->

alunos-beneficiados-terao-r-1-500-para-compra-de-computadores-e-tablets. Acesso em: 04. nov. 2020.

## **Emergency Remote Teaching in the discipline of Organization, Systems and Methods in Information Units: reporting of pedagogical practices for student training**

**Abstract:** Discusses issues related to process changes due to the new coronavirus (COVID-19), guiding the migration from classroom teaching to emergency remote teaching, focusing on teaching practices. Issues related to adaptation, flexibility and learning during remote teaching are raised as problematic. The objective is to report how the remote teaching activities were operated in the Librarianship course of the Federal University of Ceará. In this way, it is configured as an exploratory and descriptive research with a qualitative approach, where electronic forms are used as a data collection instrument to analyze, understand and evaluate remote teaching procedures, regarding the access to information and communication technologies and the activities and evaluations proposed during the school semester. The study results in successful practices, highlighting the need and importance of flexibility and adaptation of the discipline for a good performance of students during emergency remote teaching. Finally, it is concluded that remote teaching is a latent reality in the educational field and that it is up to the teacher to transform and resign the pedagogical practices to a new format, discovering and inventing new methodologies mediated by information and communication technology.

**Keywords:** Emergency Remote Teaching; COVID-19; Pedagogical Practices; Information and Communication Technologies.